

Grandes obras para pequenos leitores:  
*Portugal Pequenino* de Raul Brandão e  
Maria Angelina Brandão em contexto  
das Humanidades Digitais

Great works for young readers:  
*Portugal Pequenino* by Raul Brandão and  
Maria Angelina Brandão in the context  
of Digital Humanities

Otília Lage  
Carla Sequeira

**Otília Lage**

Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ORCID: 0000-0003-2776-4353

**Carla Sequeira**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Investigação Transdisciplinar  
«Cultura, Espaço e Memória»

ORCID: 0000-0001-8892-3202

[https://doi.org/10.14195/1647-8622\\_22\\_8](https://doi.org/10.14195/1647-8622_22_8)

GRANDES OBRAS PARA  
PEQUENOS LEITORES:  
*PORTUGAL PEQUENINO* DE  
RAUL BRANDÃO E MARIA  
ANGELINA BRANDÃO EM  
CONTEXTO DAS  
HUMANIDADES DIGITAIS

Apresenta-se um estudo experimental e prospetivo de extensão educativa que mobiliza uma análise descritiva, na perspetiva do Património Cultural e Ambiental, do livro-ponte para crianças e adultos, *Portugal Pequenino* de Raul Brandão e Maria Angelina Brandão, com vista à produção de conteúdos para um aplicativo digital móvel. Mobilizando anterior experiência investigativa das autoras na elaboração do projeto exploratório “Raul Brandão e relações intergeracionais na interface humanidades digitais”, visa-se desenvolver uma nova dimensão dessa iniciativa. Contextualiza-se numa aproximação sucinta à revisão da literatura da área transdisciplinar Humanidades Digitais em Portugal, enquadramento teórico-metodológico que informa o estudo apresentado.

As Humanidades Digitais têm conseguido congregar uma comunidade de investigadores que tende a crescer e a afirmar-se (Alves, 2016 a e b), embora numa cartografia global, no que toca a patrimónios de língua portuguesa, se constata um desempenho inferior ao de outras tradições e culturas, nomeadamente de matriz anglo-saxónica (Pereira, 2015: 110-140). Porém, sob o impacto da crescente consolidação da área inter/transdisciplinar das Humanidades Digitais à escala internacional, este novo domínio de investigação tem vindo a registar em Portugal um movimento progressivamente mais amplo de renovação dos discursos e práticas de afirmação e integração de meios digitais transversais às Humanidades e Ciências Sociais.

**Palavras-chave:** humanidades digitais; história; literatura; património cultural; Raul Brandão.

GREAT WORKS FOR YOUNG  
READERS: *PORTUGAL  
PEQUENINO* BY RAUL  
BRANDÃO AND MARIA  
ANGELINA BRANDÃO IN  
THE CONTEXT OF  
DIGITAL HUMANITIES

An experimental and prospective study of educational extension is presented that mobilizes a descriptive analysis, from the perspective of cultural and environmental heritage, of the bridge-book for children and adults, *Portugal Pequenino* by Raul Brandão and Maria Angelina Brandão, with a view to the production of content for a mobile digital application. Building on from prior investigative experience of the authors in the development of the exploratory project “Raul Brandão and intergenerational relations at the digital humanities interface”, it aims to develop a new dimension of this initiative. It consists of a brief approach to the literature review of the transdisciplinary area Digital Humanities in Portugal, the theoretical-methodological framework of which that underpins the study presented.

Digital Humanities has managed to bring together a community of researchers that tends to grow and assert itself (Alves, 2016 a) and b), albeit in a global mapping, with regard to Portuguese-speaking heritages, the performance is lower than that of other traditions and cultures, namely Anglo-Saxon (Pereira, 2015: 110-140). However, under the impact of the increasing consolidation of the inter/transdisciplinary area of Digital Humanities on an international scale, this new field of research in Portugal has been gradually growing into a broader movement of renewal of discourses and practices of affirmation and integration of digital media transversal to the Humanities and Social Sciences.

**Keywords:** digital humanities; history; literature; cultural heritage; Raul Brandão.

DE GRANDES ŒUVRES POUR  
DE PETITS LECTEURS :  
*PORTUGAL PEQUENINO* DE  
RAUL BRANDÃO ET MARIA  
ANGELINA BRANDÃO DANS  
LE CONTEXTE DES  
HUMANITÉS NUMÉRIQUES

Nous présentons une étude expérimentale et prospective d’extension éducative qui mobilise une analyse descriptive, du point de vue du Patrimoine culturel et environnemental, du livre pont pour enfants et adultes, *Portugal Pequenino* de Raul Brandão et Maria Angelina Brandão afin de produire des contenus pour une application mobile numérique. Mobilisant l’expérience de recherches antérieures des auteures dans la préparation du projet exploratoire « Raul Brandão et les relations intergénérationnelles sur l’interface des humanités numériques », l’objectif est de développer une nouvelle dimension de cette initiative. Celle-ci est contextualisée par une brève approche de la révision de la littérature du domaine transdisciplinaire des Humanités numériques au Portugal, un cadre théorique et méthodologique qui informe l’étude présentée.

Les Humanités numériques ont réussi à rassembler une communauté de chercheurs qui tend à croître et à s’affirmer (Alves, 2016 a et b), bien que dans une cartographie globale, pour ce qui est du patrimoine de la langue portugais, on observe une performance inférieure à celle d’autres traditions et cultures, notamment de matrice anglo-saxonne (Pereira, 2015 : 110-140). Cependant, sous l’impact de la consolidation croissante du domaine inter/transdisciplinaire des Humanités numériques à l’échelle internationale, ce nouveau domaine de recherche a enregistré au Portugal un mouvement progressivement plus large de renouvellement des discours et des pratiques d’affirmation et d’intégration des médias numériques transversaux aux Humanités et aux Sciences Sociales.

**Mots-clés :** humanités numériques; histoire; littérature; patrimoine culturel; Raul Brandão.

## 1. Introdução e contextualização do âmbito temático

Integra-se este texto no vasto e recente campo das “Digital Humanities” (2004), que incorporam a tecnologia computacional nos estudos humanísticos e usam as humanidades para estudar a tecnologia digital e sua influência sociocultural.

Daí que se comece por esboçar aqui uma aproximação descritiva ao estado da arte e revisão da literatura das Humanidades Digitais (HD) em Portugal e língua portuguesa, em transição para novos paradigmas de saberes e práticas, procurando fazer uma amostragem diversificada do que têm sido as HD entre nós nos últimos anos, ao nível da evolução dos recursos digitais para as Humanidades e Ciências Sociais e da emergência de novas potencialidades das Humanidades Digitais em matéria de iniciativas e abordagens.

Desenvolve-se a seguir o presente artigo, sob esse enquadramento, focando-o num estudo experimental de índole empírica e prospetiva, concretamente estruturado e fundamentado, que se configura enquanto extensão histórico-literária e educativa em ambiente digital, vocacionada para públicos jovens e ainda adultos e seniores.

Nesta secção central – “*Portugal Pequenino* de Raul Brandão e Angelina Brandão em aplicativo *online*” –, de natureza pragmática e informacional, atendendo a que em HD os objetos de estudo podem ir de textos simples a hipertextos e multimédia complexos, apresenta-se um guião de conteúdos de roteiro e itinerário de Portugal, mosaico de culturas, partindo da reinterpretação patrimonial do livro-ponte *Portugal Pequenino* (1930), de Raul Brandão e esposa Maria Angelina Brandão (Lage, 2018), visando delinear futura aplicação ou dispositivo digital (ex. App – aplicativo móvel) de leitura recreativa *online* para crianças e jovens de clássicos e grandes obras do nosso património cultural e literário, partindo dos já disponíveis em língua portuguesa no Projeto Gutenberg, como é o caso de algumas obras do escritor Raul Brandão.

A abordagem feita orienta-se pela asserção de que as Humanidades Digitais se caracterizam por uma cultura de colaboração, abertura, relações não hierárquicas e agilidade” (Kirschenbaum, 2010, p. 59) e tem como objetivo contribuir para promover mais ampla divulgação e internacionalização das temáticas e debates em estudo.

O campo inter/transdisciplinar das Humanidades Digitais é relativamente jovem, mas promissor, tendo vindo a configurar-se enquanto abertura de um novo paradigma na produção de conhecimentos nas Ciências Sociais e Humanas, por mediação das Ciências da Informação e da Computação. Para Daniel Alves, “o sucesso desta designação assentou no facto de ela facilmente abarcar um conjunto de outras designações anteriores, como Computação para as Humanidades, Informática Aplicada à História, Linguística Computacional, Património e Computação, Arte Digital, entre outras” (Alves, 2016a, pp. 91-103).

De acordo com Dália Guerreiro, Fernanda Campos e Madalena Mira, “esta área é extremamente dinâmica, com um número crescente de organizações nacionais e internacionais associadas, eventos e jornais editados, exibindo simultaneamente, para cada disciplina, reptos próprios e grandes questões transversais” (Guerreiro, Campos & Mira, 2017, pp. 40-43)

O termo “Digital Humanities” (2004) foi cunhado para definir a pesquisa que incorpora a tecnologia computacional nos estudos em Humanidades, bem como a que usa as Humanidades para estudar a tecnologia digital e sua influência na sociedade e na cultura.

Esta designação implantou-se pelo seu carácter sintético e apelativo, transmitindo uma identidade própria, mas também porque ultrapassa a simples referência ao uso do computador como ferramenta de pesquisa para se referir a uma nova epistemologia das Ciências Sociais.

As Humanidades Digitais incorporam novas técnicas de análise e processamento da informação e novas modalidades de investigação, sem descurar a tradição. Contribuem para preservar a complexidade, a análise em profundidade, a crítica e a interpretação próprias das Ciências Humanas. Já que as novas Tecnologias da Informação e Comunicação aumentaram exponencialmente o acesso à informação e a sua divulgação, as HD têm vindo a tentar criar novos métodos de lidar com o volume crescente de dados disponíveis e renovar as tradicionais tarefas de seleção, redução, organização e conceptualização. Assim, segundo alguns autores não se trata propriamente de uma nova área do conhecimento, mas sobretudo de uma gama de atividades com aplicabilidade prática diferenciada e renovadora em disciplinas da área clássica das Humanidades. Por exemplo, Dália Guerreiro e José Luís Borbinha defendem que “o alcance das humanidades digitais ultrapassa largamente a mera transferência do analógico para o meio digital, centrando-se no desafio epistemológico e na articulação com os conhecimentos e os métodos utilizados nas ciências humanas com o mundo digital” (Guerreiro & Borbinha, 2014, pp. 13-22). Por sua vez, Marcos Mucheroni, Francisco Paletta e José Silva afirmam que “as Humanidades Digitais se configuram em um campo interessante de investigação, além de desempenharem papel inovador em um mundo no qual, não há o único produtor, gestor, e disseminador de conhecimento ou cultura” (Mucheroni, Paletta & Silva, 2021, pp. 168-182).

Manuel Portela realça a “natureza aberta e colaborativa da investigação e criação em meio digital, e a ênfase na dimensão artefactual das práticas de produção de conhecimento”. Para este autor, as HD são o “conjunto de práticas e métodos de investigação que responde às capacidades de representação e modelação do meio digital para marcar textos, analisar e visualizar dados e artefactos, simular fenómenos culturais e agregar, pesquisar e recuperar informações” (Portela, 2020, pp. 91-121).

Para Daniel Alves, as HD devem ser pensadas como uma “comunidade de práticas”, constituindo-se numa nova forma de inter/transdisciplinaridade, onde o “uso das metodologias digitais acabou por funcionar como um ponto de contacto, elemento agregador ou definidor (...) no próprio funcionamento de projetos, como método de investigação ou de aferição da qualidade da investigação levada a cabo” (Alves, 2016a, pp. 91-103). Assim, para este autor “as Humanidades Digitais não teriam por objetivo substituir-se às tradicionais Humanidades, mas sim complementá-las e facilitar as colaborações entre elas” (Alves, 2016a, pp. 91-103).

Segundo o mesmo autor, as HD têm vindo a afirmar-se em Portugal, em especial desde o ano de 2010, embora não de forma independente, mas “enquanto aspecto modulador de agendas de investigação”, demonstrando “uma importância significativa não só na produção do conhecimento como também na formação dos investigadores” (Alves, 2016b, pp. 89-116). Um estudo publicado em 2014, citado por Daniel Alves, colocava Portugal em terceiro lugar “no número de investigadores que se identificam como sendo «humanistas digitais»” (Alves, 2016a, pp. 91-103), revelando a “maturidade” dos debates académicos neste âmbito (Aquino, 2020, pp. 5-15).

Conforme referem Maria Cristina Guardado e Maria Manuel Borges, os investigadores em Humanidades utilizam cada vez mais tecnologias digitais no seu trabalho, fazendo das HD um tema que tem atraído o interesse de um número crescente de pessoas (Guardado & Borges, 2012, pp. 43-54).

No meio académico português, têm vindo a ser desenvolvidos projetos de digitalização e publicação de textos, mas também na área do Património Imaterial e História da Arte, entre outros, “com recurso a tecnologias diversificadas, com destaque para o vídeo e som digital, a análise multimodal de artes performativas, a reconstituição 3D ou a modelação histórica em ambiente virtual” (Alves, 2016b, pp. 89-116).

Da microinformática e construção de bases de dados passou-se “às novas aplicações das capacidades computacionais no campo da História” (Alves, 2016b, pp. 89-116), associando bases de dados relacionais e Sistemas de Informação Geográfica (SIG). Um bom exemplo desta prática é o *site* “Atlas, Cartografia Histórica” (<http://atlas.fcsh.unl.pt/>), importante ferramenta à disposição da comunidade científica. Refira-se também, relacionado com a ligação entre a História e os SIG, o projeto “DynCoopNet” (<http://web2.letras.up.pt/citcem/dyncoopnet/index.html>), integrado num projecto internacional e multidisciplinar, financiado pela European Science Foundation.

Conforme realçado por diversos autores, as HD em Portugal têm-se vindo a caracterizar pelo trabalho colaborativo, coletivo e de projetos, com novas temáticas e métodos e equipas multidisciplinares (Alves, 2016b, pp. 89-116; Saisó et al., 2014, pp. 5-18).

Vejam os alguns exemplos.

Na área da Filosofia, foi lançado, em 2018, pelo Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra, o projeto “Conimbricenses.org”, uma enciclopédia digital com revisão científica, que se pretende constituir como uma plataforma digital de história da Filosofia e Teologia em Coimbra entre os séculos XVI e XVIII (<http://www.conimbricenses.org/>).

O Instituto de Estudos de Literatura Tradicional (Unidade de I&D da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), em colaboração com o Centro de Investigação em Artes e Comunicação, da Universidade do Algarve, a Fundación Ramón Menéndez Pidal e a Cátedra High Performance Computing desenvolveram o “Arquivo do Romanceiro Tradicional em Língua Portuguesa”, uma plataforma digital cujo objetivo é disseminar a Poesia Folclórica Portuguesa (1828-2020) a um público não especializado (<http://romanceiro.pt/>).

Com uma vertente interdisciplinar entre a Linguística, a História, a Literatura e as Tecnologias da Informação, foi implementado o “EDHILP – Edições Digitais para a História da Língua Portuguesa (sécs. XVI-XIX)”. Numa parceria entre a Biblioteca Pública de Évora e Digital Humanities – Goethe-Universität Frankfurt, o principal objetivo é disponibilizar documentos históricos de interesse metalinguístico da Biblioteca Pública de Évora através do desenvolvimento de ferramentas facilmente manipuláveis pelos utilizadores e adaptadas a diferentes tipos de textos (<http://host.di.uevora.pt/edhilp/>).

Mais recentemente, e com financiamento da FCT, deu-se início ao “iForal. Forais Medievais Portugueses: uma perspectiva histórica e linguística na era digital” (PTDC/HAR-HIS/5065/2020), projeto do Centro de História da Universidade de Lisboa e do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, com a participação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Universidade de Aveiro, Universidade de Coimbra, Universida-

de de Évora, Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Lausanne. Este projeto “visa reinterpretar a natureza” e funções dos forais medievais “no quadro amplo de relação entre os concelhos e a administração régia”, constituindo um “*corpus* de forais medievais portugueses, editado criticamente e de modo eletrónico, para reflexão histórico-linguística” (<http://www.centrodehistoria-flul.com/projectos-fct/iforal-forais-medievais-portugueses-uma-perspectiva-historica-e-linguistica-na-era-digital>).

Por fim, refira-se o projeto “Frontowns. Pensa em grande sobre as pequenas vilas de fronteira: Alto Alentejo e Alta Extremadura leonesa (séculos XIII–XVI)” (<https://frontowns.fsh.unl.pt/>), igualmente financiado pela FCT (PTDC/HAR-HIS/3024/ 2020). Trata-se de um projeto do Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em colaboração com o Laboratório de Humanidades Digitais da NOVA FCSH, o CHAM – Centro de Humanidades da NOVA FCSH, o Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o INESC TEC – Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência, a Universidade da Extremadura e a École des hautes études hispaniques et ibériques/Casa de Velásquez. Tem ainda como instituições associadas a Câmara Municipal de Castelo de Vide e o Ayuntamiento de Cáceres. O projeto visa identificar o papel desempenhado por pequenas vilas na articulação de um território de fronteira entre Portugal e Castela, e na relação com espaços mais distantes. Para isso, utilizará uma base de dados georreferenciada, fixando-se no estudo e na reconstituição da evolução do espaço urbano de Castelo de Vide e Cáceres, através da modelação e animação em 3D, recorrendo a técnicas de geração procedimental, que têm vindo a ser trabalhadas no INESC TEC.

## **2. Portugal Pequeninino de Raul Brandão e Maria Angelina Brandão – estudo experimental e prospetivo para ambientes virtuais**

Este estudo experimental desenvolvido numa perspetiva pragmática, configura-se como componente empírica do presente artigo, constituindo uma prospetiva extensão educativa mobilizadora de conteúdos histórico-literários em suportes híbridos e vocacionada para ser desenvolvida em ambientes digitais *online*.

Estrutura-se sob a forma de um guião de conteúdos quer para um Roteiro de Portugal Continental como mosaico de culturas, com base na reinterpretação patrimonial do livro-ponte *Portugal Pequeninino* (1930), quer para um Itinerário da vida-obra de Raúl Brandão (Lage, 2018, pp. 359-388). Ambos, Roteiro e Itinerário para leitura recreativa e escrita criativa digital *online*, privilegiam a disponibilização e o acesso em ambiente digital e virtual de obras clássicas do nosso património cultural (i)material e literário, junto de públicos infantojuvenis e adultos, no pressuposto de outras realizações digitais. Raul Brandão, autor de que algumas obras constam já do Projeto Gutenberg (<https://www.gutenberg.org/ebooks/>), legou-nos também uma “geografia sentimental” dos Açores e da Madeira sobre que escreveu, como nenhum outro autor, *As Ilhas Desconhecidas – Notas e Paisagens* (1926), um “dos maiores livros de viagens na literatura portuguesa”, que se encontra parcialmente disponível em formato digital *online* em “Roteiros culturais dos Açores: Personalidades – Raul Brandão” ([http://culturacores.azores.gov.pt/roteiros/raul\\_brandao\\_pt.pdf](http://culturacores.azores.gov.pt/roteiros/raul_brandao_pt.pdf)).

Supõe ainda um esboço de proposta tecnológica e colaborativa em Humanidades Digitais – “transdisciplina portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das ciências humanas e sociais”<sup>1</sup> – atividade transdisciplinar nas áreas das Ciências da Informação e da Computação, dos Estudos Históricos, Literários e Artísticos, do Património Cultural e da Educação.

Esta abordagem de *Portugal Pequenino*, grande obra para pequenos leitores, “livro ponte” (Silva, 2013, pp. 131-136), em termos de coautoria e ao nível do público alvo (crianças e adultos) inclui uma seleção e compilação de curtos excertos literários indicativos sob a forma de um Roteiro das regiões de Portugal Continental referenciadas no itinerário simbólico literário brandoniano, seguido de um itinerário de elementos essenciais da vida-obra de Raul Brandão, suscetíveis de animação e recreação histórica.

Organizam-se materiais informacionais de *Portugal Pequenino* e biobibliografia brandoniana, com vista a potenciar um acesso mais dinâmico e apelativo a esta pioneira obra de Raul Brandão, promovendo a sua preservação, leitura orientada e contextualizada, em particular nas gerações nado-digitais. Como referido, propõem-se conteúdos históricos e literários para eventual criação de uma App (aplicativo digital móvel) – uma das soluções tecnológicas para difundir dados patrimoniais ao grande público (Guerreiro, 2016).

Do ponto de vista dos recursos e requisitos a ponderar no âmbito das Humanidades Digitais, têm-se em conta, como potencialidades a investigar e explorar, entre outras realizações emergentes, as que se referenciam, para além de novas iniciativas com que se terá de estabelecer sinergias colaborativas.

Refira-se que o livro *Portugal Pequenino* foi já adaptado para crianças pela Biblioteca Municipal Raul Brandão, de Guimarães, inclusive num jogo infantil *online*<sup>2</sup> e na agenda escolar “Brandinho”, por ocasião da inauguração da sua 51.<sup>a</sup> biblioteca escolar, na vila de S. Torcato (Centro Escolar do Mosteiro), que dispõe de uma componente digital (livros eletrónicos, publicações em formato digital, *tablets* e computadores). Estas ações integraram as comemorações, em Guimarães, dos 150 anos do nascimento de Raul Brandão, que decorreram em 2017, a que se associou também a Sociedade Martins Sarmento, que guarda o espólio do autor (digitalização em curso na Casa de Sarmento da Universidade do Minho) e fizeram parte do festival literário Húmus, em homenagem ao escritor, com a abordagem de uma “vertente escolar, levando obras do autor a todas as escolas”<sup>3</sup>.

É de salientar que o texto integral de *Portugal Pequenino* se encontra integrado com acessos múltiplos no *site* e base de dados georreferenciada do projeto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental (LITESCAPE.PT (unl.pt)). Esta aplicação, desenvolvida em parceria entre o IELT-FCSH, IHC-FCSH, NOVA LINC e o DI-FCT/UNL, constitui uma ferramenta de visualização com grande e diversificado potencial de apoio à investigação e à decisão, como suporte de projetos de lazer e turismo (<https://ielt.fcsh.unl.pt/Projetos/atlas-das-paisagens-literarias-de-portugal-continental/>).

---

<sup>1</sup> *Manifesto das Digital Humanities*, 2010 (Disponível em <https://tcp.hypotheses.org/497>).

<sup>2</sup> Jogo infantil *online* sobre *Portugal Pequenino*, in “O Raul Brandão dos pequeninos: Brandinho”. <http://www.raulbrandao.pt/pt/brandinho/>. Este *site* não se encontra activo, poderá ter sido descontinuado.

<sup>3</sup> Raul Brandão. Um site para comemorar 150 anos. *Observador* (17.02.2017). Acedido em 15 de maio de 2020, em <https://observador.pt/2017/02/17/raul-brandao-um-site-para-comemorar-150-anos/>

## 2.1. Guião para um Roteiro *Portugal Pequeno* e Itinerário vida-obra Raul Brandão

Este guião descritivo-analítico de materiais e conteúdos enquanto orientação geral para uma proposta técnica de aplicativo digital de acesso em linha, desenvolve-se num Roteiro histórico-literário de Portugal Continental multicultural e num Itinerário biobibliográfico da trajetória biográfica, carreira literária e atividade artística Raul Brandão, militar, jornalista, pintor e autor polifacetado, cuja escrita se caracteriza em grande medida por ser performativa e cinematográfica.

### 2.1.1. Apresentação e pressupostos metodológicos

Raul Brandão foi notável dramaturgo em sua época, coetânea dos primeiros tempos do cinema, tendo a sua peça *O Gebo e a Sombra* sido adaptada a cinema por Manuel de Oliveira. Esta dimensão é uma mais-valia a explorar sobre as paisagens rurais e urbanas de Portugal Continental dos anos 1920/30, mosaico de culturas, ambientes naturais e humanos e quotidianos históricos, o que estimulará a sensibilização para a sua preservação, valorização e recreação. Poderão ser sugeridas para promoção, atividades diversas (jogos e brincadeiras infantis de outrora), adaptáveis a singularidades do território e dos públicos-alvo, para (re)conhecimento de “sítios” e “bens”, tradições e costumes, patrimónios culturais e ambientais, a nível nacional, regional e local.

No que se refere à metodologia, roteiro e itinerário esboçados, orientam-se por um modelo comum que supõe: a) espacio-temporalidades flexíveis; b) objetivos visando integrar uma panóplia alargada de interesses educativos, culturais, científicos, literários e turísticos; c) exigências específicas contemplando disponibilização de atividades alternativas, em função de motivações diferenciadas de públicos interessados na história, património literário, turismo cultural, etc.

A construção do roteiro e itinerário assenta em narrativas extraídas da obra em foco. Prevê-se a utilização dos excertos seccionados dos enredos, cenas e descrições como guia de rotas turísticas, a integrar em base de dados (BD), o que pode promover não só o conhecimento desta obra literária e dos seus autores, como informação relevante sobre o microcosmo de paisagens portuguesas e sensibilização para a sua salvaguarda e qualificação possíveis, proporcionando refletir sobre a problemática ambiental, com base na interação entre literatura, história, ciências e artes.

Na BD os excertos poderão ser georreferenciados e associados a descritores geográficos patrimoniais e ecológicos (espécies da fauna e da flora). No que se refere à geolocalização, roteiro e itinerário literários serão representados em mapas elaborados com o apoio do *Google Maps* e ilustrados por fotografias e desenhos originais da obra digitalizados.

No roteiro e itinerário é sugerida a leitura de excertos associados a lugares emblemáticos de património cultural e literário, pontos de destino/paragem selecionados na obra proposta. Serão promovidas atividades, adaptáveis a diferentes tipos de público, designadamente a leitura crítica das paisagens, incluindo a identificação de elementos territoriais.

## 2.2. Para um Roteiro do livro-ponte *Portugal Pequenino*

### 2.2.1. Sinopse

*Portugal Pequenino*, livro escrito em 1929 e publicado em 1930 (1.<sup>a</sup> ed. ilustrada, entre outros artistas, por Alberto Carneiro, amigo dos autores), é uma obra ímpar de Raul Brandão, mestre da literatura portuguesa escrita e editada em coautoria com Maria Angelina Brandão, esposa dedicada e biógrafa pioneira do escritor. Nos textos e imagens ficcionalizadas, espelha-se um pioneiro testemunho do património cultural material e imaterial do país real, anos 1920, relevante contributo para a valorização de pertenças identitárias.

*Portugal Pequenino*, dedicado pelos autores “aos filhos dos outros”, preocupação latente com a transmissão às gerações vindouras e vocação patrimonial, é uma obra da maturidade literária de Brandão, publicada meses antes de falecer, e um “livro ponte” (para leitores de dois públicos-alvo: os mais jovens e adultos), pioneiro na literatura infantojuvenil e ímpar na carreira literária de Raul Brandão.

Teve por parte do escritor um projeto mais antigo e ambicioso de escrita de um “Portugal maior que não chegou a realizar, servindo igualmente de apelo pelo que de bom em valores naturais, ambientais, culturais e humanos ainda temos no nosso País” (Castilho, 2006, pp. 469-275). Assim, aproxima-se da atual tendência global de crescente interesse em conhecer as culturas autóctones, incentivo a uma maior visibilidade da multiculturalidade de Portugal, “mosaico de populações, culturas e ambientes” e a eventual promoção de oferta turística cultural mais densa e rica” (Lage, 2018, p. 359).

### 2.2.2. Argumento literário

O enredo central é uma viagem real e simbólica pelas regiões de Portugal Continental, do litoral ao interior, de cidades emblemáticas ao mundo rural com seus rios, vales e montanhas, fauna e flora próprias de cada região, realizada ao longo das quatro estações do ano, por duas crianças de estratos sociais diferentes (ele, o Russo de Mau Pelo, filho do amo que ela, Pisca, serve), principais personagens. São descritas e narradas, à época, nesta maravilhosa viagem ficcional e documental por terras, costumes e gentes, mini territórios e microculturas de Portugal continental na sua diversidade multicultural, ambiências naturais, culturais e humanas, consubstanciando, numa escrita performativa, cromática e afetiva, um sobrevoo por paisagens naturais e humanas e patrimónios locais, regionais e nacionais de elevado valor estético, literário, artístico, cultural, humano e histórico. Na verdade, “aí se mantém vivo o imaginário social e cultural do povo trabalhador português: pescadores, camponeses, lavradores, jornaleiros, operários, pastores, pobres de pedir, mendigos, alienados, e outras figuras simples e anónimas que atravessam a polifacetada obra literária de Raul Brandão. (...) revela-se o pitoresco dos lugares e dos costumes (incluindo brincadeiras e jogos infantis de antigamente) ao mesmo tempo que se exprime o espanto sempre extasiado de ver e sentir” (Lage, 2018, p. 376).

É possível esboçar, a partir das narrativas, descrições, recursos expressivos e imagens literárias dos “cantos do país real” ficcionalizados, um mapa cultural imaterial do que pode chamar-se “Portugalidade”, encastado em mapas mentais pintados em suas fisionomias próprias, que permitem uma compreensão mais fina, plural e integrada de uma identidade cultural diferenciada do território nacional em suas regiões, sub-regiões e cidades emblemáticas: o Marão, o Douro ou “duas gotas”, as terras do litoral atlântico, “o reino encantado” ou “povo das aves”, do Algarve ao Ribatejo, Alentejo e Ribatejo, a Lisboa dos pardais, a Serra-Coimbra, cidade dos Poetas, etc. Perceciona-se um manancial literário e documental para preservação patrimonial de recursos culturais e naturais do país que, embora em transformação, ainda perduram na sua necessária promoção e fruição cultural (ibidem, pp. 360-363). O que é hoje tanto mais relevante compreender quanto vivemos no dilema de habitar um mundo cada vez mais padronizado, que reclama as nossas pertenças a um lugar, onde radicam vínculos e identidades.

### 2.2.3. Sequência de cenas e excertos literários

a) Começo da viagem imaginada – “Março”, início da Primavera:

“Minho. Ouvem-se os rapazes do gado a aboiar de monte para monte. É, de um lado a Pisca, um ninguém de gente, de olho esperto e narizito no ar; é do outro o rapaz de Arronce, o Russo de Má Pêlo (...) São dois pequenos. (...) Estão ali os lavradores, os jornaleiros, os carpinteiros de carro” (Brandão, 1930, pp. 9-11).

b) “As Andorinhas”: do trabalho nas paisagens e as falas dos animais:

“Portugal, nos primeiros dias de primavera, é coberto de asas e o céu azul chilreia. (...) Conhecem Portugal a palmos: as eiras do Minho, com alguns punhados de milho e as vastas eiras do monte alentejano; os descampados do sul com alguns pinheiros mansos isolados, e o homem do Algarve que desbrava a terra a fogo e pesca o atum na costa (Brandão, 1930, p. 11).

c) “O Marão” e povoados/aglomerados humanos

A floresta matou os lobos que eram uma das expressões mais extraordinárias da serra e os seus filhos dilectos. (...) O Marão, sem eles, parece mais despovoado (...) Ia pelas alturas da Lixa, quando viu levantar-se diante dela a estatura colossal de lava petrificada e erguida até ao céu. O Marão visto dali é uma muralha de assombro, toda roída e roxa e exalando silêncio. (...) onde alastra o fumo das ceias. (...) Ao lado, o Monte esguio da Senhora da Graça (...) Mas o aeroplano voa e lá está Amarante com a igreja de S. Gonçalo, a ponte e o fio do Tâmega (...) A libelinha desce vertiginosamente até começar a ascensão por cima da floresta de castanheiros até ao alto da Travanca. Meia dúzia de casebres construídos com lascas de granito. (...) Muito longe o Gerez, o Cabril, a Espanha, e donde a onde uma capelinha perdida (...)” (Brandão, 1930, pp. 57-64).

d) “Duas Gotas de Água”: sobre o Douro e a cidade do Porto

“O Douro é o rio mais belo, mais dramático e mais variado de Portugal (...) O Alto Douro, a terra do vinho fino, é também a terra dos panoramas tétricos dos sítios onde reina a febre

das povoações concentradas, recozendo ao sol a fealdade. (...) Amanhece em Entre-os-Rios, qualquer povoado à beira Douro. A ponte, um areal, e encostados ao areal dois barcos rabelos. (...) São estes barcos estrambóticos que fazem todo o tráfego do Douro. Carregam pipas, cortiça, casca, madeira, gente; e quando vem o Inverno e ‘anda o rio grande’, o movimento nunca se interrompe. Os homens intrépidos, de pé sobre a pégada – o nome da gaiola onde vai o arrais –, manobram com decisão a espadela, metendo a charroa na água (...) – no Cadão, na Figueira, no Canedo, no terrível Cachão da Valeira, etc. (...) Ali é que é vê-lo, ao barqueiro em ceroulas a manobrar a charroa na água (...) e o homem em equilíbrio na quitanda, tendo de descer lá do Alto até ao Porto com (...) olho na água, olho nas pedras agudas ... O barco oscila, põe-se de pé – e ele lá vem, já desce. Como se aguenta? Arriscando a vida. (...) Desembarcamos no Porto. (...) Viram a praça e aquelas ruas íngremes uma de cada lado – a dos Clérigos, (...) e na praça a estátua de um homem a cavalo (...). Quem foi? (...) O nevoeiro sobe, ascende dá a esta cidade de trabalho, em que o burguês é rei, com a porta fechada e o dinheiro na burra – o seu verdadeiro carácter –. (...) Há nesse Porto, filho do rio e do mar, poentes extraordinários apertados entre os paredões formidáveis das margens (...) Poviléu. Ruelas. A Sé acastelada (...) A Misericórdia com paredes monstruosas ..., lojas soturnas, subterrâneos (...) desde o Barredo até ao Paço Episcopal; (...) uma cidade (...) que, se não é a mais bela, é a mais pitoresca (...), só me recordando de outra (...) – o Pequim alucinatório descrito por Fernão Mendes Pinto” (Brandão, 1930, pp. 75-85).

e) “O Mar” e a costa litoral portuguesa

Começa em Caminha até ao forte de Âncora, de Âncora até ao extremo do Monte da Gelfa, e daí ao farol de Montedôr (...) Viana, o pinheiral, Darque, ao longe a Serra de Arga, Esposende, mulheres descalças ... e o vasto areal da Póvoa ... onde secam as redes (...) as duas gaiotas (...) levantam voo no Cabedelo da Foz (...) Avistam a ria de Aveiro... onde as águas do Vouga e do Águeda e dos veios correm para o mar... os barqueiros... os rendeiros das praias... os pescadores da Murto... A Vagueira, os faróis. Os palheiros da Costa Nova... todo o vasto areal que se estende de Espinho ao cabo Mondego (...) A sardinha pesca-se em toda a costa... na Tocha, em Quiaios e em Buarcos na esplêndida Figueira e em Pedrogam... na Nazaré (...) Ericeira, Cascais, Lisboa, Caparica, Cesimbra e Setúbal. (...) No sul Setúbal e Olhão (...) pesca-se de Peniche até Leixões e mais para o norte (...) um dia avistam as Berlengas (...) Do alto vê-se o Cabo Carvoeiro e mais para o sul a praia da Consolação a Foz do Arelho, S. Martinho do Porto ... (Brandão, 1930, pp. 87-112).

f) “O Reino Encantado” das Aves

Neste largo período de fome que vai de Dezembro até às primeiras sementeiras temporãs, que vai ser do povo das aves com o estômago vazio, nevão, chuva, e noites que não têm fim de temporal? (...) No pio daquele passarinho, na luz dos seus olhos tão límpidos, entrevejo o mesmo sonho que eu sonho. Como eu, ele espera o sol. Como eu, não pode viver sem sol. Sabe que a terra imobilizada num sono letárgico há-de acordar como um animal frenético... (Brandão, 1930, pp. 129-134).

g) “Do Algarve ao Ribatejo” e “O Ribatejo

Acusam o algarvio de ingrato (...) Não veem que o culpado é o clima e o sol, a abundância da sardinha na costa e o rico atum (...) Era Évora (...) Cidade extraordinária (...) nos ninhos

achaboucados e mal construídos no alto dos choupos, as cegonhas suas irmãs, (...) saudaram-na religiosamente (...) O Ribatejo é um pântano (...) Vêm de fora raças mais resignadas – os ratinhos, os gaivéus, os urrenhos, para a sacha, para a azeitona, para a ceifa. (...) As aves cantam (...). São inúmeras porque o Ribatejo é a terra das aves... as cegonhas... os patos bravos... os pardais... a arambola, a galinhola, os ganços... a garça de pescoço elegante..., os alibis sagrados pretos e brancos (...). Lá está Santarém ... – Palmela a oitenta quilómetros (...) por baixo da quinta de Monsanto ficam os telhados da Ribeira...com o toque do Cabaceiro, que marca o trabalho do Ribatejo (Brandão, 1930, pp. 141-173).

h) “Os pardais de Lisboa”

Lisboa tem o pardal, que é o pássaro mais feio e mais inteligente da criação. (...) O de Lisboa é talvez mais feliz porque tem os telhados, e, pela comunicação das trapeiras, a convivência com os poetas. Por pouco que não vai à Brasileira (...) tendo por habitação os beirais do Chiado e como horizonte os chás do Garrett? Acordam na grande cidade árabe, à beira do Tejo, e voam (...) não há noutro sítio luz que chegue a esta, nem dourado que diga tão bem nos muros brancos. Vielas, um arco, ruas cheias de gente – e a baía azul lá em baixo aos pés do anfiteatro. Mais para o fundo a cidade desordenada toma outro carácter, que o homem da regra e do dever lhe impôs, com um prumo e um compasso; e para longe, o burguês rico abriu avenidas vistosas e muito feias. (...) Vamos ficar aqui... É em frente da Sé, na Costa do Castelo. (...) Escadinhas a subir para o céu (...) um lampião (...) prédios velhos (...) ruazinhas estreitas (...) – Que é isto? – É a gente que sai do trabalho, os homens de mãos negras, das forjas e hangares. (...) Acendem-se os primeiros globos eléctricos. Das portas das fábricas esguicha o jorro humano (Brandão, 1930, pp. 175-196).

i) “A Serra – Coimbra”

– Eh Pastor! Eh Pastor!... Ao longe ouvem-se outros latidos mais cães arremetem furiosos – pastores falam na escuridão. (...) O pastor veste de saragoça, de preto ou na cor – jaqueta curta, e de inverno, safoes e pelica.

(...) No verão dorme na serra ao ar livre com o capuz pela cabeça; no inverno vão por aí abaixo até Coimbra ou Idanha, metendo os rebanhos às vinhas ou alugando o pasto aos homens da planície. (...) A serra (...) divide em Portugal o norte do sul, e, com diversos nomes, prolonga-se e vai até Cintra (...) Por vezes do comboio descobre-se um valezinho aconchegado, com ramalhetes de oliveiras cinzentas entre vinhas, campos e hortas. (...) casinhas brancas, brancos campanários, cemitérios ao sol... Coimbra é a terra mais linda do mundo (...) é a terra dos estudantes e dos poetas (...) Lá está à frente Camões, barbi-ruivo, (...) com o Antero ao lado, fulvo como um meteoro. E logo atrás Junqueiro de bigodito petulante e olho em brasa. (...) A cismar, João de Deus, ...sorri embevecido... (Brandão, 1930, pp. 197-216).

No plano da ilustração, estes excertos literários podem ser representados em mapas históricos e mapas atuais do *Google Maps*, com imagens originais da 1.<sup>a</sup> edição de *Portugal Pequeno* e materiais sonoros (vozes, música, vídeos, etc.), beneficiando de sinergias com outros projetos afins.

#### 2.2.4. Para o itinerário Vida-Obra de Raul Brandão

Raul Brandão teve por principal fonte de inspiração a vida urbana e piscatória da cidade do Porto, onde nasceu e viveu, a vida rústica e fabril de Guimarães, onde trabalhou, casou e viveu, a vida intelectual e jornalística de Lisboa, onde se relacionou, na viragem dos séculos XIX-XX, tendo permanecido na memória dos seus inúmeros leitores. Destacado intelectual inter-séculos, um dos expoentes da Língua Portuguesa e autor clássico em distintos géneros literários (ver Quadro 1). Raul Brandão é um dos maiores escritores da literatura portuense, mestre de gerações de notáveis escritores, seus discípulos e marco da literatura portuguesa moderna e contemporânea, sendo, hoje, um dos autores da literatura portuguesa e lusófona mais citado e estudado.

Com a publicação de *Portugal Pequeno*, em 1930, “de que Raul Brandão e Maria Angelina são co-autores, os nomes de ambos entram, lado a lado, na história da literatura portuguesa novecentista” (Reynaud, 2019, p. 38)

Quadro 1 – Bibliografia ativa de Raul Brandão

Títulos publicados	Ano de edição
<i>Impressões e Paisagens</i>	1890
<i>O Doido e a Morte*</i>	1893
<i>História de um Palhaço</i>	1896
<i>O Padre</i>	1901
<i>A Farsa*</i>	1903
<i>Os Pobres*</i>	1906
<i>El-rei Junot</i>	1912
<i>A Conspiração de 1817</i>	1914
<i>Húmus*</i>	1917
<i>Memórias (vol. I)</i>	1919
<i>Teatro</i>	1923
<i>O gebo e a sombra*</i>	1923
<i>Os Pescadores</i>	1923
<i>Memórias (vol. II)</i>	1925
<i>As Ilhas Desconhecidas</i>	1926
<i>A Morte do Palhaço e o Mistério das Árvores*</i>	1926
<i>Jesus Cristo em Lisboa, em colaboração com Teixeira de Pascoas</i>	1927
<i>O Avejão (teatro)*</i>	1929
<i>Portugal Pequeno, em co-autoria com Maria Angelina Brandão</i>	1930
<i>O Pobre de Pedir</i>	1931
<i>Vale de Josafat (vol. III das Memórias)</i>	1933

\* Obras disponíveis em formato digital na Internet

Fonte: elaboração sucinta das autoras

Figura 1 – Retrato de Raul Brandão e esposa Maria Angelina Brandão, 1928. Quadro a óleo. Columbano Bordalo Pinheiro. Fonte: Museu de Arte Contemporânea



Figura 2 – Rua de Raúl Brandão, número 62. Numa parede desta casa encontra-se uma placa, em pedra, com data de 1940 e dizeres: “Nesta casa nasceu em 12 de março de 1867 o glorioso escritor Raul Brandão, cuja obra é das mais belas da literatura de Portugal”. Fonte: Arquivo Municipal do Porto – Gisa. Câmara Municipal do Porto



Figura 3 – Homenagem do Porto a Raul Brandão. Monumento em granito e bronze, trabalho de arquitetura de Rogério de Azevedo e escultura de Henrique Moreira. Jardim do Passeio Alegre, Foz – Porto. Fonte: Dreamstime.com



Figuras 4 e 5 – Fotos atual e antiga da Casa do Alto em Nespereira, comprada por Raul Brandão no final do Século XIX e onde passou a viver com a esposa a partir de 1912 até à sua morte, em 1930. À direita, Raul Brandão e sua mulher Maria Angelina. À esquerda, o sobrinho-neto do escritor, arquiteto Manuel Vilhena Roque, com sua mulher, atuais donos da Casa do Alto, que recuperaram. Fontes: <http://www.noticiasmagazine.pt/2017/o-homem-da-casa-do-alto> e Arquivo Municipal do Porto-Gisa. Câmara Municipal do Porto



Fig. 6 – Raul Brandão no jardim da Casa do Alto. Fonte: Arquivo da Sociedade Martins Sarmento



### 2.3. (Pré)planificação técnica

Como se referiu, equaciona-se a hipótese de criação de uma App, e não apenas um conjunto de páginas estáticas, a disponibilizar numa das plataformas disponíveis recomendadas (Guerreiro, 2016), com conteúdos (textos, imagens, lugares georreferenciados) em património cultural e literário. A informação a disponibilizar a crianças, jovens e adultos deverá obedecer às seguintes características técnicas: ser fácil de atualizar; poder ser instalada em telemóveis, *tablets*, *smartphones* ou outro equipamento com ligação à Internet; definir rotas a partir de pontos de localização; indicar proximidades de interesse e distâncias; emitir avisos, alertas e sugestões; interligar várias peças; permitir personalizações, adaptações de visualização e criação de listas de favoritos; permitir comentários e partilha de redes sociais. Importará então explorar possibilidades, meios e recursos tecnológicos, como por exemplo aplicações e plataformas a utilizar mais atuais, seguras e fiáveis. Será necessário conhecer as respetivas condições, vantagens e inconvenientes de utilização, com ou sem custos, e outros detalhes de execução técnica e tecnológica. É preciso garantir a afetação de conhecimentos específicos de programação e computação no que pode ser necessária a contratação de serviços para garantir a capacidade de o aplicativo móvel responder a certas exigências de instalação, disponibilização, correção, manutenção e atualização. É preciso saber se é possível exportar códigos gerados e fazer a migração para outras plataformas, o que passa pela opção de subscrição e implica problemas de preservação digital e custos de continuidade. Convém garantir que a App criada continue disponível em linha e atualizada.

Importa que ao “apresentar o produto final, se disponibilize uma informação completa acerca dos processos e das técnicas utilizadas nas várias fases do trabalho, incluindo o registo e a justificação de todas as opções tomadas, tendo como objetivo a aferição e a validação da investigação, bem como a sua eventual replicação” (Guerreiro, 2020, p. 86).

### 3. Considerações finais

Como referido, as Humanidades Digitais englobam o conjunto de investigação teórica e aplicada, iniciativas e projetos experimentais, que visam facilitar e potenciar a utilização de recursos digitais mais acessíveis e intuitivos no âmbito das Humanidades e das Ciências Sociais. Com este desafio, perspetivam-se potencialidades colaborativas ao nível de sinergias e replicação entre projetos no âmbito das HD não só na acessibilidade e dilatação das possibilidades de fruição, mas também para uma mais ampla e diversificada divulgação e disseminação junto de diferentes tipos de leitores e públicos.

Propostas com exigências de inovação na área de formação e educação das gerações nado-digitais, como a que aqui se apresentou, em embrião, carecem de condições de implementação e viabilização, dinâmicas de cooperação (parcerias, protocolos e redes de cooperação entre agentes sociais, universidades, outras entidades e empresas de sistemas de informação), convergência de interesses e ações, agregação de atividades e pesquisas, intervenções e trabalhos nas áreas contempladas, objeto de investigação a prosseguir com maior consistência, nas seguintes linhas de investigação das Humanidades Digitais – informação, edição digital e visualização – no que concerne a obras e autores clássicos da literatura portuguesa.

Exercício similar poderá desenvolver-se com outras obras e autores, designadamente, no género da literatura de viagens, como por exemplo o livro de *Viagem a Portugal* (1.ª ed. 1981), roteiro literário fotográfico de José Saramago, Prémio Nobel da Literatura, que a convite do Círculo de Leitores percorreu o país entre Outubro de 1979 e Julho de 1980, e o qual observou, a propósito: “o fim de uma viagem é apenas o começo de outra... ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite... para traçar caminhos novos”. Aqui se vislumbra certa influência de Raul Brandão, um dos autores que mais impressionou Saramago, como o próprio reconhece (Saramago, como citado em Reis, 1998, p. 39).

Os tópicos abordados neste estudo experimental precisam de ser debatidos e aferidos em ampla e especializada discussão transversal às áreas de conhecimento envolvidas, pelo que se prevê, para o efeito, numa fase final desta investigação, realizar um *focus group* – técnica e método de pesquisa qualitativa para recolha de dados, através da interação de grupo, com investigadores das Humanidades Digitais e técnicos peritos de Informação, Comunicação, Tecnologias Digitais e Computação. Procurar-se-á, então, identificar as principais dificuldades e vantagens do estudo nos seus segmentos, concordâncias e discordâncias, atributos mais relevantes, alargamento da informação geradora de oportunidades, expectativas de desenvolvimento, sugestões de melhoria, possibilidades de captação de potenciais utilizadores e de generalização de procedimentos e oportunidades de replicação de eventuais resultados.

### Bibliografia

Alves, D. (2016a). As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo académico: dos exemplos internacionais ao caso português. *Ler História*, 69, 91-103. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2496>.

- Alves, D. (2016b). Humanidades Digitais e Investigação Histórica em Portugal: perspectiva e discurso (1979-2015). *Práticas da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, 1(2): 89-116. Disponível em [https://run.unl.pt/bitstream/10362/20952/1/PDH\\_02\\_DanielAlves.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/20952/1/PDH_02_DanielAlves.pdf).
- Aquino, I. (2020). Digital Humanities e o fazer histórico na contemporaneidade: apresentação ao dossiê temático da Revista Aedos. *Revista Aedos*, 12(26), 5-15. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/106249/57986>.
- Brandão, R., & Brandão, M. A. (1930). *Portugal Pequeno*. Edição dos Autores, Imp. Seara Nova.
- Castilho, G. (2006). *Vida e Obra de Raul Brandão*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Guerreiro, D., & Borbinha, J. L. (2014). Humanidades Digitais: novos desafios e oportunidades. *Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas*, 2(2), 13-22. Disponível em <https://journals.gkacademics.com/librodigital/article/view/779/347>.
- Guerreiro, D. (2016). APP's. Acedido a 15 de maio de 2020, em <https://bdh.hypotheses.org/1592>.
- Guerreiro, D., Campos, F. M. G., & Mira, M. R. (2017). Formar humanistas digitais: da utopia à realidade. In A. A. Pereira, M. Ribeiro, P. Meireles, & P. Penteado (coord.), Encontro Curadoria Digital – Estratégias e experiências: atas (40-43). Lisboa: Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL. <http://hdl.handle.net/10362/114779>.
- Guerreiro, D., & Borbinha, J. L. (2018). Bibliotecas Digitais e Humanidades Digitais: contribuição para o levantamento de requisitos do Livro Antigo. In Actas do 13.º Congresso Nacional BAD. Disponível em <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/congressosbad/article/view/1832>.
- Guerreiro, D. (2020). Museus e as tecnologias digitais para o estudo e comunicação dos patrimônios. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 9. (número especial), 81-102. <https://doi.org/10.26512/museologia.v9iEspecial.32018>.
- Guardado, M. C. & Borges, M. M. (2012). Digital History in Portugal: A Survey. In A. Tokar, M. Beurskens, S. Keuneke, M. Mahrt, I. Peters, C. Puschmann, T. van Treeck, K. Weller (ed.). *Science and the Internet* (43-54). Düsseldorf: Düsseldorf University Press. Disponível em [https://www.hhu.de/fileadmin/redaktion/DUP/PDF-Dateien/\\_Open\\_Access/Science\\_and\\_the\\_Internet\\_OA.pdf](https://www.hhu.de/fileadmin/redaktion/DUP/PDF-Dateien/_Open_Access/Science_and_the_Internet_OA.pdf).
- Kirschenbaum, M. G. (2010). What is Digital Humanities and what's it doing in English Departments? *ADE Bulletin*, 150, 55-61. Disponível em <https://www.maps.mla.org/bulletin/article/ade.150.55>.
- Lage, M. O. P. (2018). Património cultural e literário – *Portugal Pequeno* de Angelina e Raul Brandão. *Revista CEPIHS – Centro de Estudos e Promoção da Investigação Histórica e Social*, 8, 359-388.
- Morgan, D. L. (1996). Focus group. *Annual Review Sociology*, 22, 129-152.
- Morgan, D. L. (1997). *Focus group as qualitative research*. (2nd. ed.); Thousand Oaks, California: Sage.
- Morgan, D. L., Krueger, R. A., & Scannell, A. U. (1998). *Planning focus group*. Thousand Oaks, California: Sage.
- Mucheroni, M. L., Paletta, F. C., & Silva, J. F. (2021). Transdisciplinaridade nas ciências sociais e tecnologia: a questão das humanidades digitais. In P. P. Valero, E. Simeão, B., & Passarelli, F. C. Paletta (coord.), *Competência em informação: avanços hispano-brasileiros* (168-182). São Paulo: ECA-USP. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/135919/2/491662.pdf>.
- Pereira, P. S. (2015). Academia, Geopolítica das Humanidades Digitais e Pensamento Crítico. *MATLIT: Materialidades Da Literatura*, 3 (1), 111-140. [http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830\\_3-1\\_7](http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830_3-1_7).

- Portela, M. (2020). O que é a digitalização das humanidades? In Colóquio Internacional | As Letras entre a tradição e a inovação (91-121). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18457.pdf>.
- Reis, C. (1988). *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Reynaud, M. J. (2019). *Algumas reflexões por Maria Joao Reynaud*. In C. Oliveira, M. J. Reynaud, Raul Brandão – Cartas a Maria Angelina (33-39). Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- Saisó, E. P., Spence, P., Russell, I. G., García, E., Alves, D., Tovar, J. F. B., Bustos, M. A. G., Sousa, M. C. P. (2014). Las humanidades digitales en español y portugués. Un estudio de caso: DíaHD/ /DiaHD. *Anuario Americanista Europeo*, 12, 5-18. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5071434>.
- Silva, S. R. R. (2013). Sobre um livro de Ponte: *Portugal Pequenino*, de Maria Angelina e Raul Brandão. *Revista Delphica Letras & Artes*, 1, 131-136. Disponível em [RevistaDelphica1\\_artigo25.pdf \(uc.pt\)](#).

(Página deixada propositadamente em branco)